

FUNDAÇÃO GETULIO VARGAS
CENTRO DE PESQUISA E DOCUMENTAÇÃO DE
HISTÓRIA CONTEMPORÂNEA DO BRASIL (CPDOC)

Proibida a publicação no todo ou em parte; permitida a citação. A citação deve ser textual, com indicação de fonte conforme abaixo.

MACHILI, Carlos. *Carlos Machili (depoimento, 2008)*. Rio de Janeiro, CPDOC/FGV; LAU/IFCS/UFRJ; ISCTE/IUL, 2010. 16 p.

Carlos Machili
(depoimento, 2008)

Transcrição

Nome do entrevistado: Carlos Machili

Local da entrevista: Maputo – Moçambique

Data da entrevista: 15 de agosto de 2008

Nome do projeto: Cientistas Sociais de Países de Língua Portuguesa

Entrevistador: Guilherme Mussane

Câmera: Guilherme Mussane

Transcrição: Maria Izabel Cruz Bitar

Data da transcrição: 11 de janeiro de 2009

Conferência de fidelidade: Carlos Subuhana e Guilherme Mussane

Data da conferência: 10 de outubro de 2009

** O texto abaixo reproduz na íntegra a entrevista concedida por Carlos Machili em 15/08/2008. As partes destacadas em vermelho correspondem aos trechos excluídos da edição disponibilizada no portal CPDOC. A consulta à gravação integral da entrevista pode ser feita na sala de consulta do CPDOC.

Guilherme Mussane – **Falávamos da** sua formação. Estudou na Gregoriana, Filosofia. O que o terá influenciado para estudar Filosofia? Pode falar desse período, da sua formação acadêmica?

Carlos Machili. – Sim. Eu entro na Filosofia porque, em 1963, deixo o Seminário Menor em Nampula, diocesano, e vou ao Seminário Menor do Instituto dos Padres da Consolata. E são eles que, quando acabo o liceu, em 1965, em Fátima-Leiria, Portugal, decidem que fosse iniciar a formação filosófica, que é preliminar para Teologia, na Universidade Gregoriana. Fiquei um ano a fazer o noviciado e fui para a Gregoriana iniciar a Filosofia, como preparação para os estudos teológicos e o sacerdócio católico. É esta a razão porque eu vou para lá. Como a inclinação minha nessa altura era... Quando eu saio daqui, eu não tinha opções, eu tinha apenas a possibilidade de estudar. Como inclinação, eu sentia-me mais para as Ciências Naturais. Eu tinha um sonho, não muito claro, para Química e Biologia e eu ombreei sempre este desejo. E lembro-me que, quando faço o segundo ano de Filosofia, antes do bacharelado, o meu professor disse que seria bom que eu fizesse... que fosse à Universidade Católica, à Faculdade de Medicina da Católica, para ir conhecer o corpo humano, porque teria boas qualidades para fazer a Teologia Moral. E na visão dos jesuítas, a Teologia Moral passa pelo conhecimento, um bom conhecimento do corpo humano, por causa... Naquele tempo já se falava muito da Bioética como um problema, na década de 60, que seria o grande problema da década de 80, 90 e posteriores, do problema religioso, do problema da fé. Portanto, eu entro na Filosofia mais em função da vocação que tinha. Depois eu abandonei a congregação, em 1970 ou 1971.

G.M. – Mas depois de fazer a qualificação para o doutorado, vai fazer o mestrado em Ciência Política.

C.M. – Sim.

G.M. – É por influência? Como é que cai na Ciência Política?

Transcrição

C.M. – Eu vou para a Ciência Política por um pequeno acidente que tive com aquele que devia ser o tutor da minha tese de doutorado. O meu tutor da tese de doutorado era o professor Peter Henrici, um jesuíta, que foi depois bispo de Zurique, que foi também, no doutorado, o professor de Severino Ngoenha. O Ngoenha vai ter com ele em 82, e eu abandono ele uns doze anos antes. O meu professor, quando eu fiz a licenciatura, quando me aceitou para tutorar a licenciatura, eu não me apercebi que ele não queria que eu estudasse a fenomenologia de Maurice Merleau-Ponty. Ele disse-me: “Merleau-Ponty é comunista”. Eu não liguei, não me apercebi que ele era adverso a isso. E quando eu acabo, eu peço... a congregação autoriza-me para iniciar o doutoramento, enquanto fazia a Teologia e fazia o binário Teologia e Teologia Moral, que deveria ser, e não Bíblica, e também estudava com um padre da Consolata que fazia o Instituto Bíblico. Então, ele já tinha me iniciado muito bem, o padre Barbera, em hebraico. Eu tinha também esta inclinação. Então, o que se passa neste jogo? Ele propõe-me fazer a tese de doutorado, já que eu tinha inclinação para questões sociológicas, se podemos dizer assim, por causa de fenomenologia, ele obriga-me a fazer a tese sobre um homem da metafísica, que é o Maurice Blondel. Desvia-me da fenomenologia de Merleau-Ponty e da filosofia da existência para ir discutir a filosofia da substância, da criatividade, da sinceridade como processo gnoseológico de Maurice Blondel. Aqui começa o divórcio. E dá-me um tema que a mim não interessava, que era a sinceridade, discutir a sinceridade: o que era a sinceridade? Era um problema ético, era um problema moral e ético ou era um problema de teoria de conhecimento, gnosiológico? Eu sei que é um problema... eu sabia que era um problema gnosiológico. A sinceridade, em Merleau-Ponty, é isto. E dali, esta sinceridade, eu devia cortar radicalmente com a fenomenologia, e não nos entendemos. Mas também fui à Ciência Política por uma outra razão. A gente fazia algumas coisas políticas ali, com o Couto, que estava na Alemanha, o reitor da UEM [Universidade Eduardo Mondlane]. Tínhamos algumas relações com os padres que eram militantes da Frelimo na Itália e a Pide [Polícia Internacional e de Defesa do Estado] ali apanhou-nos. De qualquer maneira, a congregação sentiu-se muito embaraçada com a nossa presença e decidiu chamar a mim e me dizer: “Machili, saia”.

G.M. – Mas assim, em conversas com outras muitas pessoas, a relação, Dr. Machili, com o encontro do papa Paulo VI com Marcelino dos Santos, Amílcar Cabral e [Agostinho Neto] nos anos 70...

C.M. – Sim.

G.M. – Que papel teve nisso?

C.M. – Eu não tive nenhum papel relevante neste processo, em 1970, quando eles vêm. Tive um papel secundário, mas muito discreto. O padre César Bertuli, dos Padres Brancos da Beira Manga, convidou-me um dia ao almoço, na via Nomentana, na avenida Nomentana, em Roma. Conversamos e, estranhamente, aparece o Couto, este reitor, que tinha sido já ordenado e estava na Alemanha para doutorar-se e voltar e ficar definitivamente na arquidiocese, nomear-se. E eles... O padre Berturi disse-me: “Temos um trabalho muito delicado a fazer. Hoje vamos jantar com uma senhora muito amiga da Frelimo na altura e dos movimentos de libertação, a senhora Marcella Glisenti” – o marido era um dos grandes homens da ENI, a empresa italiana de hidrocarbonetos. Então, o Bertuli diz-me: “Temos que trabalhar a preparar a visita de Samora Machel. De qualquer forma temos de arranjar tempo de o cumprimentar”. Então, havia pessoas, através de um deputado, um deputado demo-cristão, da esquerda... E eu, nessa altura, já estava

Transcrição

na Faculdade de Ciências Políticas, o meu professor era o ministro de Negócios Estrangeiros italiano Aldo Moro, aquele que mataram depois...

G.M. – As Brigadas Vermelhas.

C.M. – Eu apercebo-me que estava envolvido numa preparação de um discurso político muito sério que o papa Paulo VI tinha na mente. Porque era um homem muito decidido. O que era? E também, desculpe, em 1969, eu apresentei a vela acadêmica ao papa. Isto é: dos alunos brilhantes, ou um dos alunos ditos brilhantes, ao fim do ano, no dia de São Pedro e São Paulo, quando acaba o ano académico, leva-se a vela acadêmica, para ir agradecer o encerramento do ano académico. Há uma cerimônia solene no Vaticano, e eu fui escolhido para levar a vela. Não era o aluno das notas mais altas. Eu tinha nove sobre dez e havia dois meus amigos, um americano e um alemão, que tinham dez sobre dez, o que era uma ousadia na Gregoriana naquele tempo. E o papa perguntou-me: “De onde és?”, em 1969, em Junho. Eu disse que era de Moçambique, e ele disse-me: “Juízo. O teu país há de ter o que se procura”, ponto. Isto, disse-me Paulo VI. Eu lembro-me até hoje da imagem. Porque eu apresentei a vela, vesti-me bem, a rigor, a rigor de sacerdote. Com uma batina. Eu nem tenho fotografia disto. Desapareceu esta fotografia. Eu tenho que ver, talvez em qualquer livro. E ele diz-me: “O teu país há de ter...” E já estávamos, em 70, em plena guerra. Então, o que se passa para eu passar à Ciência Política? Justamente é que... para este encontro? É que, a partir do encontro com o Bertuli e depois do encontro com a Marcella Glisenti, chegava-me documentos para traduzir e para refletir. O que havia como reflexão? Era fazer o levantamento, na parte das Ciências Políticas e com toda a base de conhecimento que já tinha adquirido sobre a esquerda, a esquerda europeia e o movimento de libertação em geral e o movimento de libertação em África... Porque o movimento de libertação em África, neste período, muda de visão. Antes era um movimento de libertação em geral, do Movimento dos Não-Alinhados – para o Marcelino, fale sempre da CONCP [Conferência das Organizações Nacionalistas da Colônia Portuguesas] –, um movimento de libertação em geral, para passar ao movimento de libertação em África. E o movimento de libertação em África, na década de 60, era a luta armada, porque se circunscrevia no eixo da economia-mundo que é a África Austral. A África Austral é parte do equilíbrio da economia-mundo, cujo desmantelamento provocaria crise e, por isso, a luta para a libertação da África Austral não poderia não ser feita por via armada. E isto é verdade. Angola, Moçambique, Zimbábue, Namíbia, África do Sul, que são os pólos grandes desta economia, libertam-se em processo armado. Em processo armado e todas as implicações. O que tinha na mente o Santo Padre? Porque eu depois descobri que ele tinha subsídios de um grande diplomata italiano que estava na Assembléia das Nações Unidas, o Giuseppe Venovato. O Giuseppe Vedovato ainda está vivo e circula ainda na Gregoriana – ele é membro honorário da PUG. Estes homens todos combatiam, diplomaticamente, o chamado... o Conselho de Direito dos Povos. Não o direito universal do homem, mas os direitos dos povos para a autodeterminação. A elevação do direito dos povos em direito fundamental na história da humanidade. Porque este direito dos povos (DP) é o resultado dos direitos humanos da Sociedade das Nações, que passa depois para a ONU. E foi sempre contestado o direito dos povos à autodeterminação. Depois da Primeira Guerra, a posição americana é favorável à libertação dos povos. Há, depois da Segunda Guerra Mundial, mas é muito lento, é muito... É mais, eu diria, é mais negociado pacificamente este direito, mas nunca é aclamado, nunca é tomado como um direito fundamental, cientificamente discutido. Eu só descobri a partir de 1976 e 77, na Unesco, que era o grande eixo de batalha, o reconhecimento do direito dos povos como um direito fundamental que mudaria todos os eixos da politologia, da Ciência Política contemporânea, que significava trazer a África e os povos

Transcrição

colonizados em luta e todos os povos descolonizados a terem voz em qualquer parte do mundo e negociar os desenvolvimentos, que é o discurso que o papa, mais tarde, o discurso que ele tinha. Você tem que ler depois, pacientemente, a encíclica dele de 1967...

G.M. – A *Humanae vitae*?

C.M. – Não, não. É a *Populorum progressio*, *O progresso dos povos*. Tem na Internet em português. A *Populorum progressio* dá estas luzes, que, em parte, alguns capítulos já encontramos na encíclica para o desenvolvimento do papa João XXIII, que é a *Paz na Terra, Pacem in Terris*, que é quando ele diz, isto é, o Vaticano diz: “A paz no mundo só pode haver quando houver consenso sobre os processos de desenvolvimento de todos. Sem justiça social, não há possibilidade de paz”. Esta é a tese de João XXIII. E isto diz a *Populorum progressio*. Note, para entender essas duas encíclicas, você tem que voltar a 1893, a uma grande encíclica, *Das coisas novas, Rerum novarum*, de Leão XIII. Tem que partir de Leão XIII, que é o tempo da neo-escolástica e, é interessante, é o ano da tese de Maurice Blondel, do meu professor, para onde ele queria me empurrar. E eu quero ir para a Sociologia, para ir para a leitura política, e ele obriga-me para ir para a leitura metafísica, da gnosiologia, que é a nova... a neo-escolástica dos jesuítas, do eixo de Galarat.

G.M. – Então, são esses acontecimentos todos que vão levá-lo a estudar as instituições políticas africanas?

C.M. – Sim senhor. Eu entro nas Ciências Políticas, e é interessante, nas Ciências Políticas da Universidade de Roma, tive grandes professores: esse Giuseppe Venovato era professor, Francesco Mônaco, Aldo Moro, Norberto Bobbio, Armando Saita, Franco Valsechi, todos eles grandes pensadores de História Geral, de Relações Internacionais etc., no tempo em que eles passavam mais tempo em Bruxelas, a criar... A Comissão Econômica Européia (ECE) estava em criação no tempo que eu estava na universidade, e o professor Moro estava mais tempo em Bruxelas etc., e os americanos, isto é, as forças conservadoras européias já consideravam comunista etc., não é verdade? Então, eu entro, simpatizo com estas idéias. Facilita-me entender – entender em termos de Ciência Política – que, afinal, havia um espaço para a África; entender que tinha uma... que devia se começar uma nova, se me permite o termo, uma nova epistemologia daquilo que eram os eixos, os referenciais ou paradigmas de desenvolvimento. No início da década de 70, ainda o discurso enfatizava mais as lacunas de organização. Em África, o neocolonialismo manifestava-se mais pela via de golpes de Estado etc. Hoje, podemos reverter e dizer que os golpes de Estado revelavam fragilidade de governação, da participação efetiva. Mas eram todos golpes induzidos, não é?

G.M. – E depois fica como docente...

C.M. – Eu acabo a formação em Roma em 74. Neste mesmo ano... no ano anterior, um dos grandes padres que marcaram muito a minha vida, que era da nossa congregação da Consolata, era o antropólogo Bernardo Bernardi, que viveu muito tempo no Quênia, no Zimbábue etc. e na África do Sul. Um grande antropólogo que sai da escola dos grandes mestres da Antropologia e da Sociologia Política, isto é, da Antropologia Política de África, que eram: Isaac Schapera, Meyer Fortes e Evans-Pritchard. O Bernardo Bernardi torna-se grande antropólogo em África como estudante, doutorando ou mestrando, destes grandes antropólogos, e é colega, o Bernardo Bernardi, de Max Gluckman e Marvin Harris etc. Quando se encontravam os três, era uma

Transcrição

guerra de nervos. Nunca se... Muitas vezes vi Marvin Harris em casa de Bernardo Bernardi, entre 1974 e 75, mas falavam duas coisas diferentes. Max Gluckman nunca se entendeu com Bernardo, que vem da escola escolástica e teológica, e Max Gluckman vem do Direito, então, o discurso não se encontrava. Bernardo Bernardi questionava o homem, queria voltar ao homem, a valorizar a partir... tudo aquilo que se deve chamar de desenvolvimento, mesmo o político, a partir da sua identidade – que nós chamamos auto-estima –, da sua identidade, para discutir o resto. E Max Gluckman partia das instituições políticas africanas, questionava a relevância, e isso ele chamava chefaturas, *stable* [systems]. Se você quer entender Mondlane, Mondlane sai, quando faz Ciência Política ou Antropologia na Universidade de Siracusa, ele sai do grupo e interpreta o pensamento dos antropólogos políticos deste período: Good Kenneth [Kenneth Good?], a equipe de Good Kenneth etc., da Antropologia americana. É por ali de onde vem a visão crítica de Mondlane sobre o poder tradicional. E você tem que ler os seus discursos de 1964 a 67. O que Mondlane diz sobre o poder tradicional? Existe, na autobiografia de Mondlane – esta aqui –, que é uma autobiografia elaborada pela Janet, esta grande mulher... Nós nunca exploramos o conhecimento que ela tem. Nunca exploramos como a Janet lê a África ao lado do marido; como que a Janet influencia todo o nosso sistema de educação. Nunca pegamos a estudar Janet Mondlane. Deixamos sempre Janet Mondlane integrada e, eu diria, quase que escondida em Mondlane. Não. Mondlane veio da escola antropológica americana, da Ciência Política americana e dos problemas internos do sistema das Nações Unidas, onde ele entra, não é verdade? Enquanto que a Janet Mondlane é uma atentíssima leitora dos fenômenos do homem em África e ela é que lança o alerta: o futuro da África passa pela formação do homem. Por isso, em 1961, com o marido, elabora aquele famoso projeto *Education Project for Mozambique*. O documento deles está aqui. Eu mostrei-lhe já, não é? [refere-se ao documento] Este documento... Isto aqui é de 1961. Então, esta mulher, nós abandonamo-la e está a envelhecer e nunca exploramos o manancial que ela tem. Deveríamos colocá-la nas cátedras de Filosofia Política nessas faculdades todas que temos aí, chamarmos a ela para virmos explorar... Esses documentos que ela elabora pacientemente. A formação centrada no aluno, para ir justamente fazer a identidade moçambicana. Isto é trabalho de Janet Mondlane e não do Eduardo. O ensino centrado no aluno, que se começa a lançar no Instituto Moçambicano e provoca uma grande contribuição. Desculpe desviar para lá. Provoca uma das coisas mais espantosamente ricas da educação durante a luta, que era confeccionar o currículo a partir da realidade do estudante, o desenvolvimento curricular que eles desenvolvem. Bom, portanto, voltando para Roma, para a Itália, há um processo que me facilita, se eu posso dizer assim, a passagem para a Ciência Política, e fico como... Bernardo Bernardi leva-me a Bolonha em 1974 como seu assistente, porque ele dava a cadeira de Antropologia, com uma tarefa muito grande que ele me deu, que era corrigir as suas notas, os seus documentos, a preparação do seu famoso livro, a finalização do livro *Introdução aos estudos etno-antropológicos*, cujo manuscrito, datilografado – ainda não havia computador – em italiano, ainda tenho. Ele dava-me, eu fotocopiava e parte eu guardava. Ele não sabe. Ele morreu, infelizmente, mas não sabe que eu tinha. Eu falhei em uma coisa, no aspecto afetivo, com o Bernardo: em 2006, fui a Roma e não consegui encontrar-me com o Bernardo Bernardi.

G.M. – Em termos de pesquisa, quais foram na sua carreira?

C.M. – Muito bem. As minhas áreas de pesquisa escorregam pouco a pouco da Filosofia, da parte teórica para a parte social. O meu primeiro grupo de pesquisa, a minha primeira área de pesquisa, em 69, era justamente entender como é que o pensamento contemporâneo saía da visão gnosiológica e metafísica e teológica da Igreja, a partir de 1864. Com o Concílio Vaticano

Transcrição

I, há uma viragem forte que é preciso ir entendê-la na Encíclica *Quanta Cura*, de Pio IX. O Concílio Vaticano não encerrou, o primeiro não encerrou, mas há a *Quanta cura* e há posições muito rígidas sobre os excessos do progresso, que desviavam a leitura atenta da pessoa humana para ir ler a pessoa nos seus conflitos sociais. É tempo de Marx e os outros, este período. Então, eu começo a aperceber-me, quando faço o bacharelado, que havia uma continuidade desta fricção do pensamento robusto, bem estruturado sobre a pessoa humana, sobre o ser e do pensamento ser humano como existência, como precariedade, e que era justamente de Merleau-Ponty, da fenomenologia. E já vinha, na Gregoriana, despertando a minha atenção, a partir de 1967, um grupo de acadêmicos da escola de Frankfurt que vinham fazendo palestras. Era o Herbert Marcuse, era o Karl Popper, era o Jürgen Habermas, era o Niklas Luhmann, que tinha como assistente o Nicos Poulantzas. Então, estes homens aqui a arrastar-me, e eu perguntei-me: “Mas por que a Gregoriana chama estes que são da escola de Frankfurt?”. A segunda geração da escola de Frankfurt vem lançar-me provocações. Sobretudo o Marcuse, era irreverente. Harvey Cox, que era assistente de Herbert Marcuse em Harvard e na Columbia University, vinha falar na Gregoriana. Aí eu disse: “O que se passa?” Então, eu disse: “Não. Para eu entender esta mudança, eu tenho que entender o que é a fenomenologia”. Merleau-Ponty já tinha morrido. Lia-se muito Sartre, que estava vivo, que era o agitador do movimento de estudantes em Paris. Eu fui à Sorbonne em uma das sessões. O padre... Bem, vamos falar. Havia também, na Gregoriana, outros dois professores que me empurravam para entender a fenomenologia. Era o professor da cadeira de Fenomenologia, Paolo Valore, que faleceu, há dois anos atrás, com noventa e tal anos, e um outro, um antropólogo, um missiólogo zairota que chamava Capita, Agostinus Capita, que era professor da Gregoriana. O Capita e o Valore empurravam-me, a dizer: “Abre-te ao mundo. Deixa dessas coisas aí de gnosiologia etc.” É por isso que eu escorrego, na Gregoriana, no bacharelado, para isso. E depois, na licenciatura, também retomo, na Gregoriana. A [inaudível], faço ainda sobre Merleau-Ponty. Quando vou para Ciências Políticas, encontro um grande professor, que era amigo de Norberto Bobbio. Norberto Bobbio transfere-se para a Universidade de Turim, onde tinha, voltando para Roma, mudando para Roma, outro pensador, que era Augusto del Noce, que não é muito publicitado, mas é, sem dúvida, um grande pensador, que era mais filósofo do que Ciência Política. Augusto del Noce alerta-me sobre uma coisa, ele diz-me: “Tu não podes entender os processos de descolonização, o problema sobre o homem em África se não pegas o projeto educacional, como é que o projeto de educação em África oscila à frente e atrás. Se queres entender este projeto educacional”, Augusto del Noce disse-me, “tu tens que entender a crítica da Igreja ao modernismo. Tens que ir levar à *Quanta cura*, qual é o papel que os missionários...”. Porque as Missões começam a abrir-se na segunda metade do século XIX. No 800 é que aparecem em grande grupo. E a educação... A missionação era uma coisa, o ensino era outra. Era parte social importante. Eu vou repetir. Augusto del Noce diz-me: “Machili, a parte mais importante... Para entender todo o futuro do teu país e da África, tens que ver como é que os missionários pegam a educação e tens que estudar o modernismo”. O modernismo... E aí ele diz-me: “O homem mais importante é o Lucien Laberthonnière”.

G.M. – E daí que...

C.M. – Aí eu faço uma tese, na Universidade de Roma, não sobre a descolonização, não sobre o neocolonialismo, que eram os temas... A gente lia, naquele período, Frantz Fanon, Leopold Sédar Senghor, que vinham a Roma, já estavam a passear em Roma. E muitas vezes encontrei-me com Joseph Ki-Zerbo, etc. E eu lembro-me que, em 1974, Joseph Ki-Zerbo deu-me um artigo que ele escreveu em 1961, na primeira Conferência de Doadores feita na Unesco, para os

Transcrição

Sistemas Educacionais de África. Felizmente, já recuperei este documento. Está na Internet. A primeira Conferência de Doadores é feita na Unesco, em 1961 – o Banco Mundial, o PNUD etc. E o Ki-Zerbo veio a Roma. Ele estava em Roma – estava, naquele tempo, o Senghor e os outros – e eles dizem-me: “Machili, o caminho, se queres entender, vê a partir das reações da Igreja Católica ao modernismo, como que a educação em África é o nó de estrangulamento. E sem fazer uma viragem no sistema educativo, a África não vai para nenhum lugar, sem recursos humanos”.

G.M. – Uma das suas... No seu leque de aspectos de pesquisa está a questão das elites moçambicanas. Por que essa paixão por estudar as elites moçambicanas?

C.M. – Por três razões. Primeiro, a minha grande preocupação são as instituições políticas africanas, e eu questiono o que é que desconectou as instituições políticas africanas. Tenho na História, como historiador, as resistências da dominação colonial, as resistências que são em dois momentos: o momento do comércio, em que a maior parte desses poderes políticos locais que se encontram são apresentados pela historiografia colonial e pela Antropologia ou Etnologia como reinos – o reino do Congo – e até, depois, durante o início da ocupação efetiva, impérios, que é a linguagem da politologia europeia. O reino e não o feudo. Os europeus já tinham esquecido o feudalismo, tudo é reino, é potência e império, pela grandeza econômica ou menos, não é verdade? Na resistência, ainda encontramos um outro... As instituições políticas. [Na resistência], encontramos um novo momento, que é a presença da ocupação efetiva, que tem uma meta grande: desmontar as instituições políticas e as hierarquias sociais, as elites políticas africanas econômicas, culturais e sociais no tempo da ocupação efetiva, que são desconexas totalmente. O colonialismo teve esta grande preocupação. E quando se implanta a administração colonial, criam uma nova estrutura que desmonta essas instituições políticas, que se chama justamente assimilação, no caso da colonização latina. Na colonização não latina, chamam *indirect rule*. Utilizam, elevam esses poderes e instrumentalizam, no *indirect rule*, e utilizam, de uma maneira mais satânica, os poderes locais. Na administração colonial latina, a administração indireta utiliza, aparentemente, mais satanicamente, mas menos, porque eles mantêm como régulos e os usam... esses régulos são usados como complemento da administração colonial. Na *indirect rule* dos britânicos não é. “Ele é um que está lá, deixa ele a fazer as suas coisinhas.” Mas a administração colonial não permite, não deixa que ele permeie. Os nossos, até dão-lhes uniforme etc. O que está a voltar, não? Então, as instituições políticas, as elites, agora, depois desta parte das resistências e da colonização, interessa-me um fenómeno novo das elites, é que as elites já não são nem econômicas nem sociológicas nem políticas etc., são as elites instruídas que emergem com a escolarização, que vão para a assimilação, e os dois grandes momentos da ação missionária na educação, que já tinha suspeitas grandes ao estudar o modernismo e a missiologia toda em África. Isto é que me facilitou estar na Gregoriana, para ir ver as cadeiras que estavam aí. O professor Francisco Lerma, eu vivi com ele no mesmo quarto, no seminário em Roma, discutíamos muito isso. Entre parênteses, o que eu gosto muito deste antropólogo, deste grande missionário, o Francisco Lerma, é que ele foi coerente com a linha dele. E você vê no livro dele que ele, teologicamente, realmente é um rebelde, como ele pega a Antropologia Cultural. Então, eu pego as elites por causa da instrução: o que a instrução vem desmontar do equilíbrio da sociedade moçambicana... africana.

G.M. – **Sim.** E depois, volta a Moçambique, trabalha no ensino secundário e depois vai trabalhar na Universidade Pedagógica [UP] como reitor.

Transcrição

C.M. – Sim.

G.M. – E qual era a novidade do Machili na Universidade Pedagógica? Qual era a sua visão exatamente?

C.M. – Antes de eu ir à Universidade Pedagógica, eu fiquei praticamente seis... treze anos a trabalhar no Ministério. Eu dava aulas à noite no ensino... Há um pormenor aqui que hoje eu posso dizer abertamente: quando eu cheguei, pedi para ir dar aulas à noite... Não, quando eu cheguei, eu fui ter com o Aquino de Bragança, quando eu procurava trabalhos. “Aquino, eu fazia isto”, e peguei a minha tese e entreguei. Na altura, quem estava na Faculdade de História, no Departamento de História, era o Carlos Serra, era o Nogueira etc. Então, eu levei para o Aquino. “Aquino, eu estou a voltar, não conheço o país, saí daqui há muito tempo, eu fiz esta tese...”. Na Itália, não havia o doutoramento na altura, não esqueça. O indivíduo fazia a pesquisa pós-bacharelado ou láurea e, se passava aquela tese, muito bem, era admitido na carreira académica – pela pesquisa, não pelo grau académico outorgado. E eu peguei a tese e entreguei a Aquino de Bragança, conversei com ele e ele disse-me: “Vai lá traduzir a tua tese para nós lermos e candidata-te para ir fazer aulas na História”. E depois, como eu trazia o diploma de Ciência Política e o certificado de Roma, eles disseram-me que não havia Ciência Política na UEM, portanto, não havia vaga para mim. Eu fui dizer isto à ministra Graça Machel, “olha, lá, dizem que não precisam de mim porque não há Ciência Política”, e então ela disse: “Fica aqui, pega a Unesco, o sistema das Nações Unidas, organiza-nos a comissão para a Unesco. Nós precisamos interagir com as Nações Unidas para montarmos o nosso sistema de educação”. E, justamente neste dia, ela disse-me: “Quando tiveres vaga, vai falar um pouco com Guebuza ou com Chissano, qual é o projeto que eles têm, como nós podemos explorar a Unesco para criarmos o nosso sistema de educação”. E eu fui conversar. O Chissano recebeu-me com aquela maneira deles de guerrilheiros, e eu não entendia nada da psicologia de guerrilheiros militares. Até, uma vez, eu fui ao gabinete da ministra com uma mão no bolso do *blue jeans* e ela disse: “Tira esta mão aí do bolso! Fica em sentido!”. E eu... “Esta mulher está louca ou o quê?” Até digo isto aos estudantes, não é? E o Chissano mostrou-me esta carta que estava com o Guidione Ndope, de 1972, sobre o que devia ser a pesquisa educacional em Moçambique. Depois eu levei muito tempo a procurar para ter este documento que o Ndope me deu. Então, eu entro na educação e começo... O projeto do ensino superior na UEM faliu, porque era em Ciência Política, e fico no Ministério a fazer as coisas das Nações Unidas, a viajar, voltar constantemente à Europa, e meto-me em contato com toda a inteligência africana, com todo o discurso, o debate sério sobre os sistemas educacionais em África. E muitos desses técnicos da Unesco, que estão aí em parte vivos, vêm a Moçambique. A ministra Graça Machel teve uma grande visão, criar o Sistema Nacional de Educação a partir da experiência da luta, mas abrir o sistema de educação à realidade africana. Este é um grande mérito de Graça Machel. Então, para voltar, por que e como eu, do ensino, chego à UP? Em 1990... Primeiro, dizer: o que era a Unesco para Moçambique? Não era um lugar de academia, de intelectualidades etc., que é a vocação da Unesco; era uma frente onde nós íamos expor as nossas convicções. Era uma frente de luta, que era a luta da África Austral. E, a partir de 90, a frente de luta, com o fim do *apartheid* à vista, a Unesco não é mais frente de luta. É verdade que nós conseguimos, durante este período que pegamos a Unesco como frente de luta, lançar grandes bases daquilo que é o sistema educativo moçambicano: a parte da concepção, da filosofia do sistema e a parte da sua administração. Descobrimos o Instituto Internacional de Planificação da Educação (IIPe), para onde foram os jovens mais talentosos e os que dirigem as referências de educação atual: Mouzinho Mário, Arnaldo Valente Nhavoto, Adelino Cruz, Zeferino Martins...

Transcrição

G.M. – O Juvane.

C.M. – ...Virgílio Juvane, que está... Todo este grupo, começamos a metê-lo a formar-se daquela visão de planificação da educação. Enquanto nós fazíamos planificação do modelo centralizado, aquela planificação propunha-nos um modelo mais participativo: planificar a educação a partir da base. E, no Ministério, o Nhavoto e os outros tinham que balancear cuidadosamente como esta planificação partindo da base contrariava com a planificação partindo do topo. O sistema de educação em Moçambique começa a ser maltratado a partir de 1979. O discurso da qualidade começa nessa altura. Quebra essa ligação povo e o Ministério, obriga a ministra a nomear até diretores de escola, porque a escola estava a escapar ao controle central. Esta é a minha tese: o desvio grande e perigoso do sistema educativo. Aquela iniciativa, aquele enfoque que, em 1974 e 75, se lançou à alfabetização não morre por causa da guerra só, morre, para mim, por causa da subida. Mas a Unesco interessou-me muito por este processo. Então, acaba a Unesco como frente e a Graça Machel – ela era presidente da comissão e ministra da Educação – tinha que mudar o que devia ser a participação de Moçambique na Unesco e começa justamente o lançamento de quadros que deviam ir para trabalhar na Unesco etc. Eu candidato-me para ser... O Amadou-Mahtar M'Bow pediu-me para candidatar-me para ser diretor da Unesco Em Harare. Faço os processos etc. e, em vez de mim, escolhem um holandês que estava aqui em Moçambique, de ensino à distância da Faculdade de Ciências da Educação. **Fugiu-me o nome.**

G.M. – Não é o [inaudível], não?

C.M. – Não. Há um outro, alto. A filha casou com o Ribas. Bom, mas tínhamos aí um professor que foi para lá. Então, a ministra pergunta-me: “Olha, queres continuar na comissão para a Unesco?”. E eu disse: “Não. Eu quero voltar ao ensino”. E a ministra disse: “Aonde queres ir ensinar?”. Eu quero continuar a ligação com o processo educativo. Eu quero pegar a História, mas estes treze anos de contato com a Unesco deram-me a entender, com o meu projeto anterior da modernidade, isto é, da crítica da modernidade do Vaticano, do modernismo... Porque o modernismo é uma crítica da modernidade, mas do ponto de vista teológico. A escola de Frankfurt é que faz a crítica do pensamento das luzes, da racionalidade como bandeira, não é verdade? Toda a modernidade, a crítica da modernidade e a crítica da nova filosofia do iluminismo versus metafísica. Então, é por ali que eu chego à UP. E me colocam no Departamento de História e com o meu amigo Cândido Teixeira, que foi... que trabalhei com ele, na década de 80, na Unesco, a dizer: “Vamos escancarar isto”. [risos] Porque aquele plano de estudos foi feito por soviéticos. E eu sabia... E trabalhava muito, neste período, com um grande homem, que Deus o guarde, que respeito e respeitarei até quando eu tiver ainda a capacidade de consumir oxigênio: Fernando Ganhão, um grande homem, um grande homem de visão, um animal racional e de inteligência não comum, que se tornou o homem crítico da própria... das esquizofrenias, ou das idiossincrasias da Frelimo, da elite Frelimo, como pensamento coeso e impositivo, não é verdade?

G.M. – Sim. Mas como é que se explica isso? Com tanto currículo que você traz da Europa, com tanto... já docente, assistente de Bernardo Bernardi, e apanha aquele pessoal lá, muitos deles não tinham a formação que você tinha e não o aceitam na Universidade Eduardo Mondlane.

Transcrição

C.M. – Eu não sei o que havia. Era problema ideológico. Suspeitavam que eu, que vinha da Igreja etc., fosse um reacionário. Quem me diz “você é camarada, vai, entra à luta para conosco” foi o Matias Capesse, no Ministério. Mas os jovens do SNASP [Serviço Nacional de Segurança Popular] que estavam lá, foi muito difícil para eu fazer-me entender que eu não tinha nada.

G.M. – E tem publicações... Quer dizer, pegou a educação como a sua principal atividade.

C.M. – Ponto de partida para fazer toda a história das instituições políticas. E tenho três grandes pontos: primeiro são as instituições políticas coloniais, a parte africana do colonialismo, e depois, as instituições políticas que são os regimes políticos atuais, da independência para cá. O meu objetivo é o comportamento dos governantes, das elites. Portanto, o estudo da elite permite-me ler sociologicamente os governantes moçambicanos.

G.M. – E, dr. Machili, olhando para trás, a sua geração de estudantes, a sua geração de cientistas sociais, se assim podemos chamar, e a geração de hoje, o que acha que mudou, que continuidades e que descontinuidades?

C.M. – Não há grande descontinuidade. Há duas... Isto é bonito, a tua pergunta. É a primeira vez que alguém me pergunta, Mussane. Nós encontramos-nos perante duas gerações de academia: uma, formada no medo... Por que eu digo medo? Porque... Note, Sérgio Vieira vem da escola jesuítica. O rigor de argumentação, de lógica que Sérgio Vieira tem, vem da sua formação no colégio de jesuítas e, também, do rigor da subtilidade da escola francesa. Sérgio Vieira esteve na Sorbonne. Eu fui ver as notas dele, são brilhantes! Os Balandier etc. foram professores de Sérgio Vieira. Amigos, nós temos um catedrático de mão-cheia: Sérgio Vieira. Deixe-lhe a parte política, como combatente. Sérgio Vieira, quando fala, eu digo: “Tenho um professor”. Eu o chamo de professor. É. E sem déficit. Você não pode entender o pensamento de Sérgio Vieira, a sua perspicácia, se não vai aos jesuítas e não vai ao rigor, à minúcia do pensamento social e antropológico. Claude Meillassoux e Georges Balandier são os professores de Sérgio Vieira, com quem ele discutia e desafiava, este grande homem que temos que deixamos ali. E depois, quando fica no Centro de Estudos Africanos, depois do Aquino, tenta trazer um amigo dele de carteira na Sorbonne, que era o Immanuel Wallerstein.

G.M. – [Inaudível].

C.M. – Sim. E publicam *How Fast the Wind? Southern Africa*. E pega os jovens da pesquisa – veja esta capacidade de Sérgio Vieira – e prepara a nova geração – eu queria chegar lá – e lança o Taju etc., aqueles que com ele publicam aqueles artigos que estavam com o Aquino. Então, nós temos uma geração de cientistas sociais do medo. Mas também com um déficit, alguns. A maior parte da minha geração viemos do pensamento escolástico e não conseguimos criar a transição da escolástica para a filosofia social, que é condicionada pela escola de Frankfurt e pelo Concílio Vaticano II. Quem não me lê o Concílio Vaticano II em África [Inaudível]. As grandes mudanças que encontramos no pensamento existencialista. Porque o pensamento sai da metafísica para o existencialismo, da substância para a existência, do perfeito ao contingente, se quer na linguagem escolástica. E, ao lado disto, nós encontramos um pensamento teológico aberto ao desafio, à condição humana, aquilo que o Hannah Arendt desenvolve mais. Então, nós temos estes pensadores sociólogos deste período que é da minha geração que não conseguem fazer esta transição. Eu tive sorte, porque, saindo da metafísica... da escolástica, encontro-me

Transcrição

com um que foi escolástico mas que era antropólogo, que era justamente Bernardo Bernardi e, com muita sorte, com a Ana Maria Gentile, a historiadora dos movimentos de libertação. Mas a Ana Maria Gentile, eu passava por cima dela. Porque, naquele tempo, o grande problema eram as ideologias das independências africanas e, para mim, não era prioridade. O problema da África não eram as ideologias das independências, o capitalismo ou o socialismo ou o nacionalismo africano etc. Não é isto. Não é a base da legalidade, a constitucionalidade da estrutura política da África; era a identidade.

G.M. – E o que acha...?

C.M. – Portanto, os novos, a nova geração, a nova geração está a desabrochar, então, deixa esta geração bater a cabeça onde quer e como quer. Infelizmente, estão a desabrochar em um período muito satânico, eu chamo satânico, do neoliberalismo, que não lhes permite serem críticos. São um pouco superficiais no discurso. Isto é: tem muita metáfora nova, mas não temos acadêmicos, professores que lhes obriguem, nesta metáfora nova neoliberal, para lerem os problemas substanciais que estão por detrás. E mesmo a geração que se doutora durante a revolução em Moçambique, também esta é defasada. Porque quando eles... quando chega a revolução, são estudantes que estão a ir para as licenciaturas: Carlos Serra, Isabel Casimiro, Ana Loforte, Teresa Cruz e Silva. Eram bacharéis ou licenciados. Não tiveram um pensamento substancial filosófico. Isto é: denotam déficit gnosiológico, e dali, um déficit epistemológico, de relação à epistemologia e questionando o saber em si como um produto humano e ver a sua utilidade e a sua relação comigo. Três eixos da epistemologia, não é isso? A epistemologia discute é isso. Então, há este déficit dos professores atuais. E apareceis vocês, a nova geração, o neoliberalismo lança-nos nova metáfora, abre muito a mente ao jovem, mas ninguém tem paciência de dizer: “Olha, este assunto, no 800 era assim, no 900 é assim e no 2000, quando acabam os blocos, é assim. Por favor, não esqueças de ir ver os contextos e os precedentes”. Muitas teses têm medo de impor ao estudante historiar logo o precedente ou o contexto. Kosich, aquele que fala muito... *O mito do contexto*, aquele livro dele é bonito, não é? E depois ele retoma este pensamento na metafísica do concreto, Alan Kosik. Ele é da USP. Eu não sei se continua na USP. Mas é bonita aquela sua... É ele e ANI [inaudível] que discutem e introduzem. Então, a nova geração de sociólogos, para mim, tem que ser mimada, **tem que ser encorajada**.

G.M. – Então, estava a falar...

C.M. – Da nova geração.

G.M. – ...da nova geração.

C.M. – A nova geração tem que ser... Tem que haver uma nova didática, tem que haver uma nova... Tirá-los primeiro do medo, mas não deixá-los cair na superficialidade. Aqui há uma escola muito importante para nós, que é a escola brasileira. **A academia brasileira é muito importante**.

[PAUSA]

Transcrição

C.M. – Nós temos que pegar a escola brasileira. Por exemplo, a escola brasileira, o que a academia africana não faz, tem este grande mérito, porque a escola brasileira de Ciências Sociais conseguiu absorver todas as conquistas das Ciências Humanas Sociais do 900, até a década de 70 ou 80, e abriram uma frente, que é a interpretação brasileira destas conquistas todas. Conseguem fazer isto no Brasil. E entraram pelo processo que se chama traduzir as grandes... as obras clássicas do pensamento sociológico de 1900 e de 2000. Não, de 1900 todo. E, com este produto, lançaram a formar a nova geração com identidade brasileira, lendo tudo que se passa no mundo com um olho brasileiro. A nova geração moçambicana, que é... Nova geração significa para mim não aqueles que entram durante... que ensinam na universidade durante a independência, no início, nos primeiros anos da revolução, mas aqueles que se graduam a partir da universidade moçambicana, da Eduardo Mondlane. Então, esta geração, parece-me que lhes falta esta experiência brasileira. Nós não temos, criada aqui, uma base de conhecimentos que recupera o conhecimento... que recupera toda a base do pensamento, das conquistas todas que os outros já fizeram – os brasileiros, por exemplo. Então, a nossa lacuna é a falta de paciência e de modéstia dos atuais acadêmicos para ir trazer... Não há pessoas que tenham esta capacidade de síntese. Então, para mim, os nossos jovens das Ciências Sociais, deveríamos mandá-los irem entender esta conquista dos brasileiros e de lá voltarem com ela e começarem eles, com um ambiente muito favorável que temos agora, começarem [inaudível] em latim – fundamentar as Ciências Sociais com bases sólidas. Não na base do socialismo, que não tinha filosofia. O socialismo científico não era Ciência Social, não era Filosofia. Não te dá base epistemológica. Facilita a ceder a ti a leitura da sociedade do ponto de vista econômico e político. Esta é a grande conquista do socialismo, do materialismo histórico-dialético, que foi positivo, naturalmente, não é? Foi, sem dúvida, uma grande conquista, a reforma que se faz, o envio dos nossos jovens estudantes para a Alemanha etc. E note que mandamos para a Alemanha Oriental, à escola de filosofia analítica mais rica da década de 70 e 80 no mundo: Leipzig. A Alemanha orgulha-se da escola de Leipzig e do ensino técnico, o grande ensino técnico da Universidade Técnica de Dresden. Então, nós precisamos, no meu entender, a nova geração, por favor, não bandalhá-la. Porque o discurso político do momento é utilizá-los para lançarem... lança as suas investidas etc. Mas nós abandonamos... O Mussane doutorando-se no Brasil, na Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Tu tens ali o manancial. Vai ver as provocações de 1992 do Peter Fry, como antropólogo, as pesquisas em Manica etc. O Peter lança um desafio a nós: ele coordena aquele estudo sobre o ensino superior em Moçambique, em 1982. Sabe com quem ele trabalhou? Com Venâncio Massingue, com o Gaspar Moniquela, Mouzinho Mário... Este Venâncio Massingue. Sabe a conclusão que eles chegaram? Que a Universidade Pedagógica não era universidade e tinha que fechar. É a recomendação que fizeram ao Banco Mundial. E Peter Fry ficou assombrado perante esta posição de Moniquela, Venâncio Massingue, Narciso Matos e Gaspar Moniquela

G.M. – Mas esta posição foi uma questão de...?

C.M. – Para poder agradar ao Banco Mundial.

G.M. – Se eu lhe pedisse para mencionar um personagem que o tenha marcado na sua carreira estudantil, na sua carreira de investigador, um personagem e um livro, quem...?

C.M. – Personagem que a mim me marca hoje? Duas personagens que me marcam hoje e que respeito e estimo sinceramente: a Janet Mondlane, sobre a qual não escrevi nada, mas que respeito e estimo, mais do que o Eduardo. Porque o Eduardo, eu compreendo rapidamente o

Transcrição

pensamento dele, mas a Janet, para mim, é um enigma que respeito e estimo. E quando acabar esta... reformar – pensava que reformava este ano –, tenho que sentar um dia e escrever com ela. Pegar os arquivos de Eduardo Mondlane e fazer alguma coisa. Não é só escrever Chitlango e aquelas coisinhas, não. Ir à base da filosofia da educação, que foi o pivô da Frelimo. E segundo, tem um homem que eu respeito muito... Em Moçambique, são estes, a Janet Mondlane e o Sérgio Vieira, com dois perfis diferentes com o Jorge Rebelo. Tenho respeito, sincero respeito por eles e chamo-os professores. Quando os encontro: professor. Porque eles viveram e lançaram bases para fazermos esta contribuição, mas estavam na frente de construção da soberania. Então, a preocupação intelectual deles é gasta nos processos de consolidar as instituições, de consolidação da soberania. Mas Sérgio Vieira nunca deixou de escrever. Se um dia pudermos pegar todos os seus artigos no domingo e fizermos um livro, nós teremos uma análise sociológica a mais sincera e bela deste país. Ou não? Ninguém tem tudo aquilo. Só ele que tem, em casa. E, na Europa, eu tenho duas pessoas que eu respeito e estimo muito: sem dúvida, Bernardo Bernardi, que me mete em contato com toda a Antropologia europeia, mete-me em contato com a Antropologia americana, francesa e britânica, para além da italiana. Na Itália, ele tinha Colajanni, Lanternari, Grottanelli, Carlo Tullio-Altan. Carlo Tullio-Altan vem da escola filosófica; Lanternari do Direito; Grottanelli, que era mais antropológico, da escola primitiva, do grupo de Lévy-Bruhl etc., que é o tio de Marcel Mauss.

G.M. – E livros?

C.M. – De livros que eu leio com muito prazer, há um livro só que eu adoro, a autobiografia de Eduardo Mondlane, e um livro que não é muito conhecido, não é muito lido, de Joseph Ki-Zerbo, que é de 1994, mas que é o artigo de 1961, *Éduquer ou périr, Educar ou perecer*. Sem a educação levada a sério, como este casal aqui, a obsessão que tinha esse casal [refere-se a Eduardo e Janet Mondlane], não vamos construir Moçambique. E o Moçambique que temos que construir é para esta nova geração. Mas não podem viver de déficits, temos que libertá-los. E, Mussane, a escola brasileira, temos que aproveitá-la bem. Sabes, a mim deram uma oportunidade única, quando era reitor: deixaram-me fazer e desfazer. Chissano disse-me: “Machili, transforma a universidade em alguma coisa relevante, uma universidade que tenha recursos humanos, para ao menos chegarmos ao ano 2000 com 40 a 50 doutorados”. E eu disse: “Mas se o Banco Mundial não dá bolsas a nós?”. Eu fiz um estudo muito crítico uma vez, que chamei *Constrangimentos da UP*. Eu descobri isso no fim da década de 90, que o governo de Moçambique dava cerca de dois mil dólares a um estudante... Gastava. Orçava dois mil dólares por aluno da UEM e orçava oitocentos dólares para o aluno da UP. E isto existe até hoje. Há um estudo que fizemos o ano passado e publicamos que está no Conselho Superior. Seria bom ir procurá-lo no Conselho Superior. Quem coordenou o estudo foi Mouzinho Mário, sobre o financiamento da educação no ensino superior em Moçambique. E ainda é assim, dois mil para um único estudante, *per capita*, da UEM e oitocentos dólares *per capita* por ano [inaudível] para o futuro professor. O nosso governo... Eu, quando cheguei na UP, justamente o Chissano disse: “Faz isto”, isto em 95, “mete os futuros doutorados na fornalha de Paulo Freire”. E em 85, o Gerdes manda-me para ir-me à reunião da Associação das Universidades de Língua Portuguesa (AULP), para Pernambuco, e ao regresso, eu paro em São Paulo e fui ter com o Paulo Freire, ali no quarto andar da PUC, onde está a pós-graduação, e encontrei lá justamente o Paulo Freire e disse: “Eu tenho este projeto para o meu país. Manda-te Chissano.” “Ah, como está ele?” Porque ele foi a Dar-es-Salaam. Não entenderam o discurso dele. A Janet entendeu, mas havia outros que não entenderam: a elite moçambicana, como eu te falei. Não posso ir... A elite crioula moçambicana não entendeu. Está assimilada, não entendeu o processo. Ou era

Transcrição

premature, o ideal de... a provocação de Paulo Freire para o processo de educação que se implantava na Frente. Mas eu penso que Paulo Freire foi recusado por causa da nossa reminiscência forte de Portugal. Porque o nosso desenho era continuar o projeto educacional em língua portuguesa aqui e não ir fazer a revolução copernicana a partir da identidade, que é a doença atual do sistema de educação. Então, digo sinceramente, a nova geração... O Brasil tem isso. Eu mandei... Eu tenho mais de quinze, dezesseis doutorados pela PUC. Aqueles que mantêm o osso duro do sistema na UP hoje vêm da PUC. Aqui começaram a dizer que não, não tem qualidade, é feito depressa. É mentira. Mas eles lá sofreram e entenderam que o brasileiro, o novo brasileiro, o atual brasileiro que sai da universidade critica o mundo inteiro como brasileiro. Não?

G.M. – Sim. E o que acha que tem mais a dizer?

C.M. – Não tenho nada mais a dizer, só agradecer a ti, Mussane e dizer-te: Mussane, olha o nosso país. Pegue muitos colegas. Quando voltares, ousa. Ousa trazer o futuro de Moçambique na identidade e fazer a Ciência Social. Se falhar a Ciência Social, vai falhar a tecnologia. Porque sabes, o que nós precisamos é preparar o homem para explorar a conquista da humanidade. Não é para nós fazermos grandes inovações na ciência e tecnologia hoje. O grande dilema do moçambicano é ele estar preparado para explorar aquilo que é a conquista da humanidade. São poucos os que são os gênios que inventam o computador. Até pode ser analfabetos que criam tudo aquilo. O problema hoje é usar o computador. E tu não podes fazer isto, não podes formar o utilizador, o participativo, o participante das conquistas da humanidade com o ensino básico ou secundário só. Só com o ensino superior. Os grandes paradigmas para entrar na sociedade do conhecimento e da informação é o ensino superior. É este que te abre. E temos que fazer uma reforma, sem dúvida, bem feita do ensino na África Austral. Temos que sair do sistema português das licenciaturas para o sistema de bacharelado sólido. Os americanos começaram as universidades deles em mil oitocentos e trinta e poucos, depois da unificação e independência, e desde então o grau académico fundamental para o americano qual é? É o bacharelado, que se obtém entre 21 a 22 anos. E agora, até porque eles já têm o osso, vai para a Marine e vai para o trabalho, não é isso? E daí a sociedade média, a classe média é forte. E nós, quando vamos ter a nossa classe média, se o ensino superior é para privilegiados? Na sociedade onde as conquistas todas da humanidade já estão ali, nós ainda discutimos... O ensino de qualidade etc. só pode ser para alguns dotados. Veja como que a elite moçambicana é tão defasada. A minha inquietação pela elite moçambicana está aí. Ela não lê o mundo atual. E a revolução do ensino superior, a relevância do ensino já está feita desde a década de 60, de 66 a 68. Olha, veja essa cicatriz que eu tenho aqui. Ainda existe. É uma bastonada forte que me deu um polícia na Itália. Porque eu entrei-me na marcha. Eu fui tirando a batina e entrei na marcha. Ele chegou ali: “*Negreto!*” E eu disse: “Não, eu estou a ir à Gregoriana.” Mentira. Eu estava a fazer confusão também na rua. Eu queria entender o que era o movimento estudantil europeu. É verdade, partiam vidros, faziam greve, mas o problema fundamental da revolução universitária... Há aquele livro ali de Vieira Pinto, no Brasil, *A questão universitária*, que o Brasil conseguiu inverter. Vai a ler. *A questão universitária* é deste período. Ele era o chefe do grupo de estudantes, o [Álvaro] Vieira Pinto. Moçambique tem que... Desculpe ficar entusiasmado. [Moçambique] tem que abrir o acesso. Por isso, nesta década, se lutares muito para tornar a universidade acesso para todos, vais ganhar na alfabetização. Vais criar uma massa crítica que vai ver os problemas que começam a montante. Vamos desmontar, agitar o Sistema Nacional de Educação. Não estás a ver a brincadeira que está a dizer o Aires [Ministro da Educação], que os doadores querem isto? Já tínhamos chegado a ter professores de décima

Transcrição

segunda para irem para a UP para fazer o bacharelado e irem para a escola secundária e também colocarmos os mesmos para irem à escola primária. Ele disse: “Não. Tem que ficar a décima segunda abaixo, ou vai ensinar no ensino secundário”. Tu, que vens do Brasil, entra-te na cabeça isto? E justificar que isto é uma opção do mundo, porque somos pobres. Vai-te lixar! Manda pagar a escola. Só Deus é de graça. Tudo paga-se no mundo. Só Deus é gratuito. Digo mais: qual é o homem... em qual aldeia há um moçambicano que não tem pelo menos cinquenta meticais por mês para beber o seu tontonto [bebida alcoólica de elevada graduação]? Por que esses cinquenta meticais por mês ele não pode pagar para o filho estar na escola secundária a pagar cinquenta meticais por mês? Vamos lá preparar o povo para isto. Não introduzimos hoje, mas vamos introduzir em 2010, e não haverá problemas de orçamento, e mandamos passear o Banco Mundial que nos impõe normas. Capacidade de pensar, de fazer currículo, nós temos. E hoje, a maior parte dos intelectuais que temos não são filhos dos senhores... dos Carlos Machili, dos Chissano, não. São filhos de camponeses. Ou não? Por que este medo da Frelimo de abrir-se e pegar o seu produto? Por que a Frelimo tem medo da sua sombra?

G.M. – Ok

C.M. – Ok?

G.M. – Está bom.

C.M. – Muito bem. Eu fico contente...

[FINAL DO DEPOIMENTO]